

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA –UEFS

Variação Linguística

Prof. Mestre Nilton Carlos Carmo Sousa
(EMJPF/Conceição do Coité)

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araujo (UEFS)

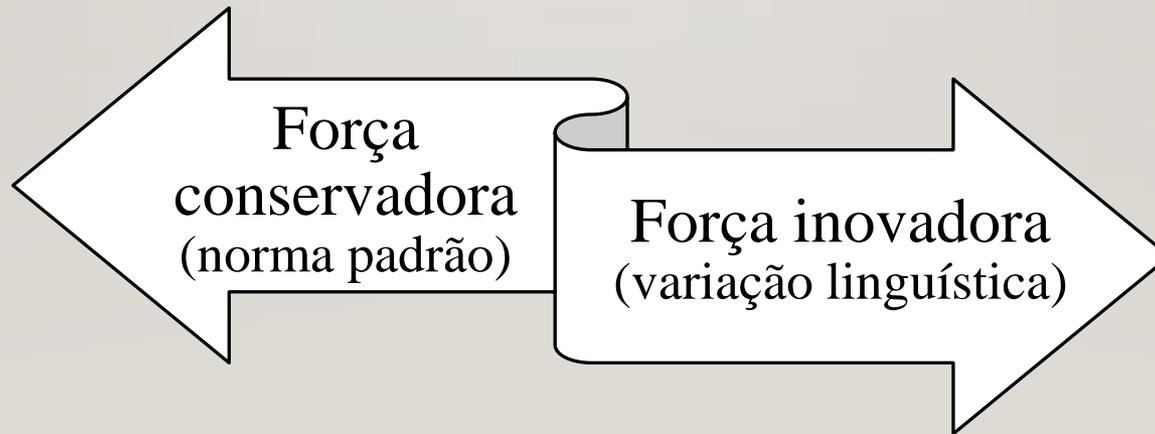
Feira de Santana
2020

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

- Todas as sociedades são **heterogêneas** sob dois pontos de vista:
 - **diacrônico** – elas variam ao longo do tempo;
 - **sincrônico** – em um mesmo momento histórico, elas apresentam realidades distintas.
- Por serem a expressão da identidade das sociedades que as usam, as línguas naturais também são heterogêneas.
- Em consequência, **todas as línguas naturais apresentam algum grau de variação.**



- Duas forças agem sobre as línguas (CUNHA; CINTRA, 2001):
 - uma **força inovadora**, que corresponde à variação linguística e é determinada pela diversidade dos falantes e pela própria evolução da sociedade;
 - uma **força conservadora**, que reprime a primeira e zela pela obediência à norma padrão. É exercida por instituições como escola, imprensa, editoras, governos e órgãos públicos.



TIPOS DE VARIAÇÃO

A variação diastrática

A variação diafásica

A variação diatópica

BREVE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS EUROPEU

Século IV a. C. — começa a expansão do Império Romano, que no seu auge ocuparia boa parte do mundo conhecido, inclusive a região hoje correspondente a Portugal.

Séculos III a.C. a I d.C. — as populações das regiões dominadas aprendem o latim vulgar com escravos e soldados romanos.

Séculos III a V d.C. — o Império Romano se desfaz. O latim vulgar passa a ser falado por comunidades cada vez mais isoladas. Livre da força conservadora imposta pela escola e pela administração romana, a fala de cada ex-colônia sofre intensas modificações.

Aproximadamente 1000 d.C. — a distância entre o latim culto, preservado nos conventos, e as falas de origem latina dos ex-colonizados já é tão grande que não se pode mais dizer que se trata do mesmo idioma. Essas falas de origem latina são chamadas de **romances**.



1064 a 1250 — em Portugal, os cristãos do norte, que haviam resistido à ocupação islâmica e falavam um romance denominado **galego-português**, rumam na direção sul, expulsando os árabes e retomando o território.

Séculos XV e XVI — da mistura entre o galego-português e os dialetos falados mais ao sul surge o **português moderno**. Com a intenção de fortalecer o idioma nacional, os intelectuais lusitanos promovem sua **relatinização** e esforçam-se para estabelecer sua **norma padrão**.

BREVE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Séculos XVI e XVII — embora menos poderosos, os indígenas são maioria. Forma-se, então, a **língua geral** ou **brasílica**, com alguns elementos do português sobre uma ampla base tupi.

1757 — o Marquês de Pombal proíbe o uso da língua geral e torna obrigatório o ensino do português.

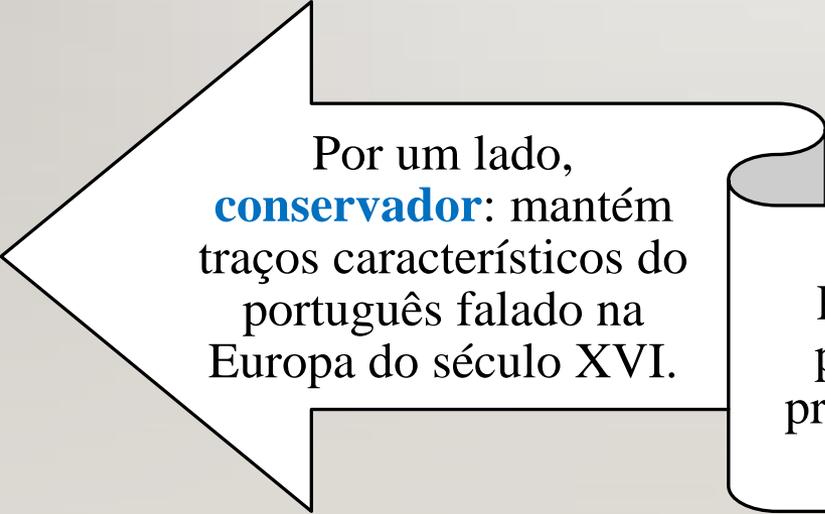
1808 — a vinda da Corte Portuguesa, com seus milhares de acompanhantes, acentua o processo de **relusitanização** da língua.

O “caldeirão” linguístico-cultural brasileiro recebe, ainda, muitos ingredientes vindos de fora: primeiro, os **africanos** são trazidos como escravos entre 1530 e 1855; depois, a partir de meados do século XIX, chegam **italianos, japoneses, alemães, sírios, espanhóis** etc.

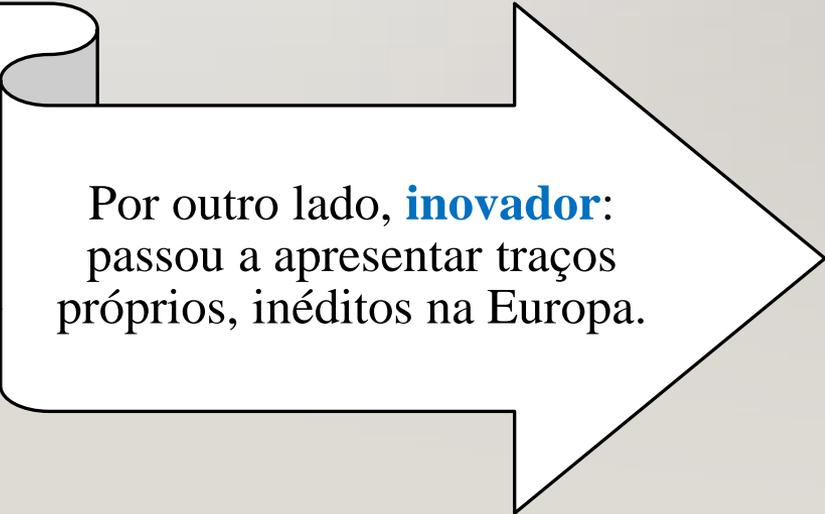


Comparação entre o português brasileiro e o europeu

O português brasileiro é (TEYSSIER, 1993):



Por um lado, **conservador**: mantém traços característicos do português falado na Europa do século XVI.



Por outro lado, **inovador**: passou a apresentar traços próprios, inéditos na Europa.

Português brasileiro e norma culta

Norma padrão é o jeito de falar e escrever uma língua que se definiu como sendo o “correto”.

Geralmente, o estabelecimento da norma padrão tem como objetivos:

- **uniformizar** a língua, para que documentos, leis, materiais didáticos, discursos, livros e outros textos sejam compostos de maneira padronizada;
- construir uma **identidade** para a língua, diferenciando-a das demais;
- **valorizar** a língua, sua literatura e, em última instância, o próprio povo que a usa.

Português brasileiro e norma culta

Como se estabelece a **norma padrão** de uma língua?

Faz-se uma **seleção** entre as inúmeras variantes (formas diferentes) de falar e escrever (BAGNO, 2007).

Por exemplo: no português, entre as variantes “praca” e *placa*, foi selecionada *placa*.

Em geral, as variantes escolhidas são as empregadas pela **elite cultural** da comunidade.

Português brasileiro e norma culta

No Brasil, porém, **a norma culta não corresponde à norma padrão**. Por quê?

Porque a norma padrão consagrada no Brasil se baseia quase totalmente na norma culta portuguesa, ou seja, nos hábitos linguísticos da elite cultural portuguesa, não de nossa elite cultural.

Por exemplo: todos os brasileiros (inclusive os mais escolarizados) falam “**Me esqueci** de comprar pão”. No entanto, nossa norma padrão estabelece como correta a forma “**Esqueci-me** de comprar pão”, usada em Portugal.

Variação diatópica: usos

Os regionalismos podem ser usados, por exemplo, para:

- dar verossimilhança aos personagens de um texto ficcional;
- reforçar estereótipos em textos humorísticos;
- aproximar um texto publicitário de seu público-alvo.



Ô loco, meu! Tá mó calorão hoje! Vâmo tomá uns chope depois do trampo?

Variação diatópica: usos

- Pode ser percebida em diversos níveis da língua:

Na pronúncia: O “r” retroflexo;

Na morfologia e sintaxe: “tu visse”; “Tu viste”;

No vocabulário: “mexerica”; Bergamota”; “tangerina”.

Falares urbanos *versus* falares rurais

Regionalismos podem ou não ser **estigmatizados**, isto é, “vistos com maus olhos” pela população em geral.

Com frequência, as marcas típicas da zona rural são estigmatizadas, em razão da situação de exclusão social tradicionalmente vivida pelas populações do campo.

Veja esta comparação:

Bah! Tô tri
atrasado,
guria!

**Regionalismos não
estigmatizados
(em geral urbanos)**

Já punhô
água no
fijão, fia?

**Regionalismos estigmatizados
(em geral rurais)**

Variação diastrática

Sob a perspectiva diastrática (dos estratos sociais), o modo de usar a língua varia conforme:

- o **nível de escolaridade**;
- a **faixa etária**;
- o **sexo**;
- a **profissão**;
- o **grupo social** a que a pessoa pertence (surfistas, “funkeiros”, evangélicos, fãs de música sertaneja etc.); entre outros fatores.

Variação diafásica

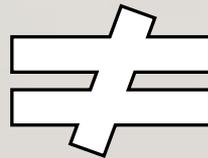
- **As variações de registro perpassam todas as outras variações:** independentemente de sermos mais ou menos escolarizados, de morarmos nessa ou naquela região, de sermos jovens ou velhos, homens ou mulheres, surfistas ou roqueiros, **todos nós mudamos nossa maneira de falar e escrever conforme a formalidade da situação.**
- **Não há uma divisão radical entre registro formal e informal:** é mais correto pensar em um *continuum* de formalidade. Além disso, é diferente ser formal oralmente e ser formal por escrito.

Variação diamésica

Principal diferença entre oralidade e escrita:

Oralidade

Os momentos de produção e recepção são **simultâneos**: à medida que você fala, seu interlocutor ouve.



Escrita

Há uma **defasagem** entre os momentos de produção e recepção.

Variação diamésica

Vantagens da oralidade

É possível negociar o sentido com o interlocutor.

É possível corrigir-se na hora.

Tende a haver maior tolerância a erros.

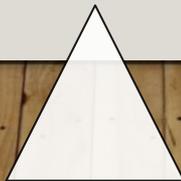
Vantagens da escrita

É possível revisar o texto.

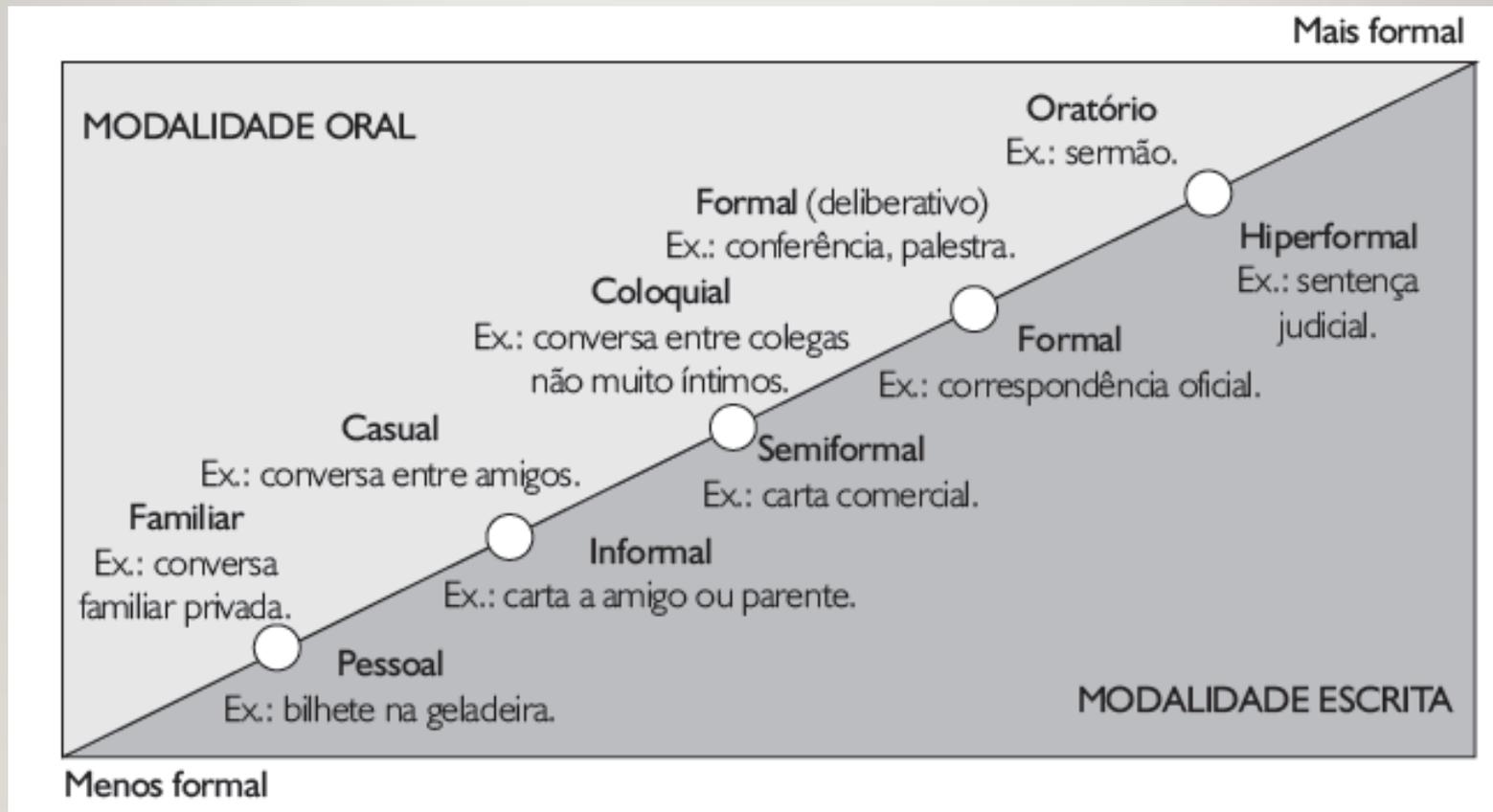
As falhas ficam ocultas: o leitor tem acesso apenas ao texto final.

É possível consultar outras fontes e checar informações.

Tende a haver maior cobrança.



Variação diafásica



Fonte: Bowen *apud* Travaglia (2002, p. 54).

QUER SABER MAIS? PRONTO PARA O ENEM?

CONSULTE:

[HTTPS://DESCOMPLICA.COM.BR/ARTIGO/TUDO-SOBRE-VARIACAO-
LINGUISTICA-PARA-VOCE-ARRASAR-SEMPRE/4K5/](https://descomplica.com.br/artigo/tudo-sobre-variacao-linguistica-para-voce-arrasar-sempre/4k5/)

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
BOWEN, J. Donald. A multiple register approach to teaching English. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 1, n. 2, 1966, p. 35-44.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 5. ed. Lisboa: Liv. Sá da Costa, 1993.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegemu na escola, e agora?:sociolinguística e educação. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia (Orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. Trad.: Marcos Marcionilo. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

- CASTILHO, Ataliba. Teixeira. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad.: M. Bagno, M. M. P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
-
- LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**, n.12, 1994. p.17-28.
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **DELTA**. São Paulo. v.17, n.1, p. 97-132, 2001.
- LUCCHESI, Dante. Norma lingüística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Lingüística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 63-92.
- LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 5, n. 1 e 2, 2006, p. 83-112.
- LUCCHESI, Dante. Preconceito lingüístico ou ensino democrático e pluralista? **SIPLE**: Sociedade internacional de português língua estrangeira, 24 de Maio de 2011. Disponível em: http://www.siple.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=181:texto-do-professor-e-pesquisador-de-lingua-portuguesa-dante-lucchesi-ufbacnpq-sobre-a-polemica-em-torno-do-livro-didatico-qpor-uma-vida-melhorq&catid=1:notas&Itemid=62> Acesso em: 7 jun. 2017.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. [Da sócio-história do português brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje](#). **Revista da FAEBA**, Salvador, n. 15, p. 23-36, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELLO, Heliana. Formação do português brasileiro sob a perspectiva da linguística de contato. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.) **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011, p. 173 – 185.

PERINI, Mário. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; Brandão, Silvia Figueiredo. **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco; posfácio: Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

